

BOLETIM DE
CULTURA

05 DE JANEIRO
DE 1959

NOSSA HOMENAGEM

O aparecimento do **Boletim de Cultura** constitui uma das realizações mais interessantes do plano de trabalho que a Secretaria de Educação e



Gov. Pedro Gondim

Cultura elaborou e vem executando, a partir do segundo semestre do ano recém-findô. Na realidade, além do programa de revitalização do ensino primário e secundário, dentro dos novos princípios pedagógicos e didáticos, a sua ação renovadora se volta para a vida cultural, despertando e animando iniciativas privadas, bem como estimulando e prestigiando valores pertencentes às diversas gerações da inteligência paraibana.

Possuindo de tais propósitos é que o atual titular desta Secretaria, professor José Pedro Nicodemus instalou a Divisão de Documentação e Cultura, que se achava criada pela Lei n. 726, de 4 de janeiro de 1952, e à qual tem determinado uma série de empreendimentos, que apresentam algo de inédito ao nosso meio intelectual, notadamente pelo fato de emanarem da administração pública.

A "Coleção Paraíba-

na", cujo lançamento foi realizado com um ensaio da professora Daura Santiago Rangel, a coletânea de "Dez Jovens Poetas", ora no prelo o patrocínio do I Festival de Teatro na Paraíba e a 1a. Feira de Livros, prestes a inaugurar-se nesta capital, são iniciativas capazes de patentear as asserções que estamos a fazer.

No curso desse programa impunha-se a publicação mensal deste órgão, em que se espelharão as atividades literárias da província, num esforço de coordenação e incentivo. De in-

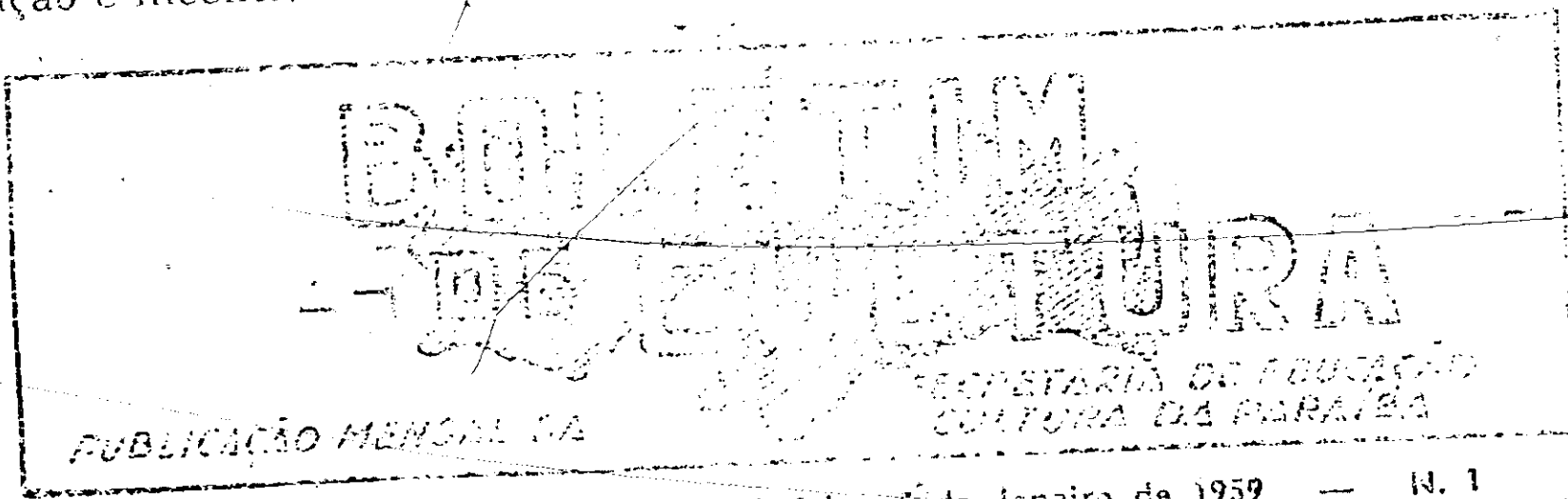
centivo sobretudo a escritores e artistas, que aqui encontram as informações de fatos culturais e também a oportunidade para os seus trabalhos mais leves ou de tamanho reduzido.

Literatura científica ou de ficção, música, cinema, teatro, artes plásticas, tudo em que possa esmerar-se o pensamento humano contará com o nosso apoio.

Surgindo com objetivos tão elevados, **BOLETIM DE CULTURA** procura vir a lume precisamente quando se comemora o primeiro ani-

versário da administração do Excelentíssimo Senhor Governador Pedro Moreno Gondim, a quem presta assim sua primeira homenagem. E

nesta homenagem registamos a admiração e o reconhecimento à personalidade do emérito homem público, em que o político e o administrador probo e dinâmico não subocaram o professor universitário e o homem de inteligência e sensibilidade, ao qual a Paraíba ficará a dever, não há negar, uma das administrações mais sábias e empreendedoras.



ANO I — JOAO PESSOA — Segunda-feira, 3 de Janeiro de 1959 — N. 1

O Professor e o Ensino Secundário

José Pedro NICODEMUS

É natural que se busque sempre uma explicação racional para todas as ações humanas, mesmo para aquelas que parecem ditadas unicamente pelo coração. Realmente, é próprio do homem justificar sentimentos, paixões e tendências, numa ânsia incontrolável de expandir a faculdade que lhe é peculiar. E curioso é observar que a ausência de motivação é suprida pelas hipóteses que a imaginação elabora.

Eis por que, em meio às afanosas tarefas do magistério e da administração pública, eu me pergunto, prezados didatas, a razão que vos conduziu a me escolherdes como paraninfo. Que vos teria movido a gesto tão nobre? A generosidade satisfaria plenamente a minha modéstia, se tal motivo, unilateralmente aceito, não atentas-se contra os vossos incontestá-

veis méritos e a vossa maturidade de pensamento.

O conteúdo disso, ou seja, o reconhecimento, também não tem explicação, porque não tem o rigoroso senso de auto-crítica, que nos induziria, nesta escola, outros nomes a merecer tão elevada homenagem, notadamente quando se sabe que esta não de uma forma rica de valores já alcançados em nosso meio social.

A vossa atitude resultou talvez de uma simpatia recíproca, sedimentada por um lastro comum de idéias, por uma afinidade geral de pensamento e ação, que desta sorte marcará o encontro de homenageantes e homenageado.

Meus caros colegas, a despeito de hora tão solene, não posso fugir de dar-vos mais uma aula, a última deste curso, numa tentativa de reexaminar

conceitos e de recompor definições que, face aos preceitos pedagógicos, tornaram sempre feliz o nosso curso científico.

Um dos objetivos das Faculdades de Filosofia é "preparar candidatas ao magistério do ensino secundário e normal". Este curso procura, portanto, extinguir de todo o acúmulo inconsciente e as tentativas atrevidas do autodidatismo, embora muitas vezes nutrido de in-

tução tão poderosa que é capaz de arrancar dos mais diferentes mistérios profissionais o talento de um Pestalozzi. Mas, nos dias atuais, quando a ninguém é dado subestimar a especialização, ou seja a preparação didática, a sistematização do preparo profissional se impõe a quantos queiram aliar o acervo de seus conhecimentos

(Continua na pág. 106)

NOVEMBRO

O CURUPIRA OU CAAPORA

Na mitologia indígena tupi-guarani Curupira é o gênio protetor da floresta ou Caá-etá-yara.

A crença da ameríndia, empregando a acertada denominação de Henrique Jorge Turley, apresenta-o como um hominículo de três a quatro palmos de altura, de cabelos vermelhos, de corpo coberto de pelos bastos, com os pés virados para trás.

É casado com Caá-ey, a Mãe da mata, e tem diversos filhos entre os quais o Sacy ou Curupira-mitanga e muitos outros enfeitados em aves e outros bichos.

O seu aspecto modifica-se de uma região para outra: no Tapajós tem um só olho e uma sobranceira única no nariz da fronte; no Colímbes tem dentes verdes, ou amarelos e orelhas grandes com as quais pode voar como as asas; no Rio Negro tem a cabeça pelada; entre os Macielés que habitam as selvas da serra Roraima, tem o nariz comprido e forte como o bico das tucanás; os peitos sobre os ombros, e no Pará é privado de órgãos eliminadores dos resíduos da alimentação.

Por toda parte anda cavalgando uma anta ou um capeta e mora no óco dos paus nos recessos da mata.

É benéfico ou maléfico segundo as circunstâncias; exerce vigilância sobre a mata e seus moradores; nas vésperas das grandes tempestades vai bater com um casco de jaboti ou com o calcanhar nas sapopêmas das sumauamas para certificar-se que podem resistir ao vendaval e, em caso contrário, prevenir os moradores do perigo que correm.

Ensina a conhecer as virtudes das plantas e a caça está sob a sua proteção direta; é sempre propício ao caçador que se limita a caçar para satisfazer as necessidades de sua subsistência; é contrário, porém, àqueles que matam pelo prazer de destruir ou matam as fêmeas prenhes e as crias novas; para estes é impiedoso: como ele sabe arremedar to-

Mitos, lendas e superstições das diversas nações indígenas do Brasil (1)

L. F. R. CLEROT

dos os animais, imita-os ou transforma-se em caça que não pode ser alcançada pelo caçador, que iludido, afasta-se dos gaminhos perdendo-se na escuridão dos bosques porque Curupira lhes desmancha o rastro; outras vezes faz com que o caçador atinja a caça com suas flechas, mas, quando se aproxima, em vez do animal alvejado encontra fêrido ou morto um amigo, um filho ou a sua companheira.

Para aqueles que o desrespeitam é brutal e vingativo; para os que lhe prestam obediência é delicado, compassivo e até mesmo de enganar.

Apresenta-lhe todos os tipos aparentemente misteriosos da floresta, desde o ranger das árvores que se atiram balançadas pelo vento, o estalar dos galhos secos que se desprendem tombando fragorosamente, até o martelar dos bicos dos picapaus nos troncos, ruído que repercute longe no silêncio impressionante da mata.

Dizem que ele não gosta que matem os animais que andam em bandos. No alto rio Negro segundo o testemunho de Barbosa Rodrigues não matam a anta, o jacarim para não transgredir os seus mandamentos e se tal acontece as malheiras reúnem-se na taba em torno do animal chorando para abrandar as manifestações do seu descontentamento.

No alto Curupí os Pagés têm o poder de chamá-lo para se entender com ele, cantando um ritual ao som do maracá. Quando o Curupira atende o chamado, o que nem sempre acontece, só quem o vê é o Pagé.

Outras vezes seus filhos, iludindo a vigilância materna acodem ao chamado do Pagé, e se a mãe os vem buscar transformam-se em pedras e em paus; é por isso que pe-

dras e paus dão a se quando atritadas ou batidas.

No Nordeste, o Curupira passa a chamar-se Caapora e anão de um pé ou de uma banda só. Fama cachimbo e o seu aspecto varia também de uma região para outra. No Ceará tem cabedra humana o corpo lizo, tem dentes arredondados como os dos jacarim-bicos vermelhos que brilhava no escuro como duas lâmpadas aparece nas clarieiras da floresta montado numa anta ou um capeta com uma chifre de jacaranga para sustentar os seus despojos. No Rio Grande do Norte e na Paraíba tem os mesmos caracteres e a sua cavalaria, além da anta e do capeta, o veado e o macaco.

Em Pernambuco dá-lhe os seguintes nomes: Curupira e Caapora e o sinônimo que são. É o amigo dos cães de caça e assim, tomando a forma de um animal qualquer, arrai os cães e os caçadores para o seu deserto, onde denunciará repentinamente os capangas perdidos; muitas vezes deita os cães, enredado em um canchão chamado cipal, onde se encontram morrendo de sede e de fome. Entrando se o caçador levar um côco de fumo para dá-lo ao Curupira quando este o pedir nada disso acontecerá e a caçada lhe será própria. Em Alagoas e Sergipe sul da mata e anda pelas estradas pedindo fumo aos viajantes; e se estes lho negarem mata a caçada.

Apesar das diferentes modificações regionais do seu aspecto físico conserva uma característica constante: a dos pés virados para trás. Suas atribuições são sempre as mesmas e o seu procedimento é quase sempre o mesmo por toda parte. Apenas, quanto ao Caapora, surgiu a crença que traz despojos para quem o avista. Daí o dar-se o nome de caapora ao indivíduo cheio de aperturas, aquele que é mal sucedido sempre e cuja desdita contagia as pessoas que dele se aproximam ou por quem ele se interessa.

Na Bahia troca, de sexo tomando a forma de uma cabedra quase preta, a Caçara, nome que se corrompe em caçara cujo significado é muito diferente. Conserva, porém, os mesmos costumes.

Em Minas Gerais, como em Pernambuco, é Caapora e Curupira; o seu corpo torna a ser cabedro e monta um talão para correr através dos bosques. Ali é o cambeteiro pregando peras nos caçadores e sendo sempre o camaradão dos caçadores. Ele dá fumo para o seu companheiro.

Nos Estados centrais é sempre o Curupira como na Amazônia. No sul de Mato Grosso é um predador que conduz uma vara de porcos do mato montado no maior deles.

Nos Estados do Sul a civilização afastou-o para longe; o seu mito, entretanto, sobrevive na superstição dos caçadores indígenas e das populações do interior. No Rio Grande do Sul onde ele é bipede novamente, só anda a pé e tem os pés duplicados, para frente e para trás para ninguém saber ao certo a direção que toma nas veredas.

Apesar das diferentes modificações regionais do seu aspecto físico conserva uma característica constante: a dos pés virados para trás. Suas atribuições são sempre as mesmas e o seu procedimento é quase sempre o mesmo por toda parte. Apenas, quanto ao Caapora, surgiu a crença que traz despojos para quem o avista. Daí o dar-se o nome de caapora ao indivíduo cheio de aperturas, aquele que é mal sucedido sempre e cuja desdita contagia as pessoas que dele se aproximam ou por quem ele se interessa.

BOLETIM DE CULTURA
Publicação mensal da Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, organizado pela Diretoria da Divisão de Documentação e Cultura.
Pede-se permuta — We ask for exchange — On demande l'échange — Si richiede lo scambio
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
RUA DAS TRINCHEIRAS, 145
JOÃO PESSOA PARAIBA

A Família e a Escola

A Realidade do Universo Fílmico

Willis LEAL

Daura Santiago RANGEL

O empobrecimento progressivo da classe média, exigindo a cooperação da mulher na manutenção do lar, muito tem concorrido para o desajustamento social tão evidente nos dias hodiernos. Dir-se-ia que no equilíbrio da classe média está fundamentada a sobrevivência da sociedade e a segurança da nação. O seu aniquilamento é a mais revolucionária e a mais destrutiva fageta de toda a política social, porquanto o empobrecimento de sua economia implica numa sensível alteração de seu modo de vida na qual ficam comprometidas sua independência intelectual, sua liberdade na escolha de uma profissão e, principalmente, a oportunidade de proporcionar aos filhos uma boa educação.

Nas famílias abastadas, os problemas são de outra natureza. A ausência de tradição das fortunas estimula uma situação de privilégio em torno do educando, agravada pela interferência dos parentes menos favorecidos que, na defesa dos próprios interesses, creem os jovens de mimos exagerados, estorvando a sua formação moral. Esta é talvez a razão por que, entre nós, as fortunas raramente ultrapassam o período de uma geração.

Nas classes mais humildes, o pauperismo gera complexos de inferioridade, além de reduzir o rendimento escolar pelo estado de subnutrição permanente.

Cabe, portanto, à escola suprir a falência de orientação da família sob todos estes aspectos. O mestre é um guia no processo de aprendizagem e educação, e como tal deve estudar as diversas circunstâncias que influem na formação da personalidade. Se for um educador, será capaz de julgar quais as atitudes que conduzem realmente a um desenvolvimento constante e quais as que são prejudiciais. Nestas condições, o jovem será também um objeto de aprendizagem. Para isso, se faz mis-

ter modificar as condições físicas, mentais e sociais existentes, levar em consideração as diferenças individuais, manter grande vigilância para que os conhecimentos fundamentais se desenvolvam em todos, organizar experiências educativas funcionais e fazer com que cada educando as viva plenamente; estudar o caráter do aluno, considerando também os processos usados por outros mestres. Além disso, como cada situação tem suas características específicas, o mestre deve estar alerta para compreendê-las, fazendo modificações e adaptações até que consiga criar seu próprio método para garantir o êxito de suas realizações.

Baseada embora em resultados de investigação científica, a educação tem sempre uma parcela apreciável de criação pessoal do professor a quem cumpre adaptar processos e finalidades e dar vida ao método que não é mais do que esse ajustamento.

ATIVIDADES DA D. D. C.

A Divisão de Documentação e Cultura, apesar de criada há mais de cinco anos, somente agora, graças ao dinamismo do Sec. da Educação, Dr. José Pedro Nizodemos, atinge a verdadeira finalidade a que se destina. Várias foram as iniciativas culturais levadas a efeito pela D.D.C., salientando-se entre outras:

O I Festival de Arte Dramática da Paraíba, realizado no Teatro Santa Rosa, no período de 23 a 30 de outubro de 1958 e que se constituiu o mais importante movimento artístico do ano.

O lançamento do 1.º livro da "Coleção Paraíba" — FINALIDADES, FORMAS E ASPECTOS SOCIAIS DA EDUCAÇÃO — da profa. Daura Santiago Rangel,

graças às suas dimensões extraordinárias, o cinema, seja em uma única técnica, um conjunto ou uma indústria, é uma das forças mais presentes de nossa época, em todos os sentidos. Ao se falar em cinema em termos sociais e psicológicos, isto é, nas expressões ou valorações de fato filmológico e de fato fílmico, que produzem aquilo que se convencionou chamar de "universo fílmico", o como do cinema, a realidade produzida pelo cinema, desde um modo de vida, até aqueles elementos que compõem o próprio cinema, temos que, antes de mais nada, deixar bem claros esses dois fatos que, em conjunto, formam a cinossência.

O "universo fílmico" é o produto do fato fílmico — os sentimentos, as ideias produzidas e apresentadas pelo bônimo tempo-espaço cinematográfico, enquanto um ser específico e uno — e, mais acentadamente, de fato filmológico (as transformações sociais, morais, econômicas, pedagógicas, etc., que por vezes, são frutos dessa realidade excepcional). Fato fílmico e fato filmológico formam, portanto, o "universo fílmico".

É através do "universo fílmico", ou "específico fílmico", como também é chamado o mundo do cinema, que se che-

ga a presença do cinema, em suas múltiplas formas e suas múltiplidades.

A presença do cinema não pode ser medida ou determinada porque é ilimitada e diferente de outras presenças; ela fornece meios que formam uma essência bem diversa das conhecidas, isto é, a cinossência. Enquanto é uma arte, cartésiana, produto apenas dos dois elementos fundamentais — enquadramento e montagem, tanto em seu aspecto visual, como auditivo e olfativo e tátil, num futuro — falando, também, como uma consequência lógica da imagem, o isom cinematográfico, ou seu concreto, como é a técnica dominante dos teóricos do filósofos do cinema), o cinema é apenas o resultado de uma técnica bem ordenada e evoluída. Porém, quando se analisa esse formidável meio de expressão como uma linguagem mais determinada e profunda, se olharmos o cinema como um microcosmo apenas do nosso século, como uma realidade que é presente não como outras realidades, mas porque ser presente é o que lhe dá maior autenticidade e eloquência, estamos entrando num outro mundo, no da dimensão essencial do cinema, aquilo que é a sua própria razão de ser. Essa cinossencialidade é bem clara e está sempre presente nas boas películas cinematográficas; nas grandes obras dos cineastas verdadeiros. Um detalhe, não muito lizo, um olhar, uma atitude, têm um valor no filme muito diferente do que têm na realidade, porque no cinema tudo é presente; este não é o olhar ou esta atitude que, no momento determinado, embora tenham aparecido antes, atrás, não mais existindo, em realidade, ou como tal, não pode nem ser real e cinematográfica apenas.

Então, no problema mais acentadamente, vemos que se aliando a uma descoberta de ordem estética, como é o caso dos movimentos artísticos cinematográficos (interiores e exteriores), temos, ainda, ao considerar que o cinema, no ser algo presente, um ser atual e dinâmico, ao transfigurar a forma da realidade e reproduzi-la mais atual e mais humana, resolvendo, assim, alguns problemas que tanto preocuparam o filósofo Bergson; ao apresentar, ao realizar um novo mundo, o mundo que é fruto do fato fílmico (essa apreciação não se dá a presença do cinema, em suas múltiplas formas e suas múltiplidades).

— A realização do 1.º Festival do Cinema Medo — entre 6 e 11 de dezembro — completou a série de empreendimentos artísticos da Secretaria de Educação, através de seus órgãos competentes, e bem demonstra o ritmo novo que se imprimiu à D.D.C.

Para este ano, espera-se continuar no programa de incremento às iniciativas culturais, com a publicação de outros livros, exposições, festivais e organização das bibliotecas infantis nos bairros da capital.

(Continua na pag. 10)

REALIDADE E FICÇÃO

(Continuação da 8a. pág.)

O refeitório imenso, também no amplo edifício do Seminário, de piso de pequenos tijolos amarelados e, ao fundo, um imenso quadro, a óleo, da "Cela Larga". O salão de estudos, amplo, ventilado, cercado de janelas... Mal penetravam no dormitório os raios da luz matinal e de uma espécie de apartamento suspenso, confeccionado em madeira, partiam as palmas do Padre Constantino Vieira, indicando-nos a hora de acordar.

Assim, iniciávamos um dia... Assim, eram todos os demais... Era a arrumação das baças brancas, onde guardávamos os nossos sabonetes e pasta e também toalha de banho. Todos em fila, desamarravam a corda e, após a higiene dentária, o banho frio, com muita água, jorrandos as donzelas de banheiros, que se esfilavam, num péso de péso do recreio.

Retornávamos ao dormitório e, em seguida, à capela. Todas as manhãs assistíamos à missa. Em seguida, banca de estudo, até as onze horas. Almoço, e logo após, o recreio, no pátio, enorme, à sombra das mangueiras frezadas e de velhos cazeiros.

Novo toque da campainha, às três horas, era o início do recreio, até às quatro horas, quando faziam a apresentação do "Teatro", para a festa. Em seguida, a capela e, às vinte e uma, retorno ao dormitório.

Entre os colegas daquele tempo fixei na memória José Lira, Cacambo Maciel, Roberto e Paulo, Lira, Francisco Cicero da Costa, Francisco Cicero de Melo, Dorgival Mororo, Moacyr Cartaxo, Abel Cavaleanti, Braz Baracuby, Renato Lima, Júlio Rique, Manoel Florentino, José Varela, João Lúcio, Aderaldo Lira, Oscar Neto, Otaviano Carneiro, Aparício Bezerra, José Meireles, alguns outros e a figura do menino, que veio a se transformar no grande romancista, cuja memória hoje festejamos.

José Lins, entre os da nossa classe, era um jovem desalinado, desarrumado, nem sempre dócil à disciplina cole-

gial. Na banca, desatento; no recreio, preferindo o foot-ball, ou a cabra cega; no dormitório, às vezes, quebrando o silêncio com as suas constantes "brincadeiras". Desenjaçado de atitude e desalinado no trajar, já mostrava, porém, um aspecto de sua forte personalidade, que era a firme afeição, que sabia manter, para um determinado grupo de seus colegas e uma indiferença para os que não penetravam nesse círculo.

O despertar de sua curiosidade literária ocorreu ali, porque ali encontrou um clima propício, no desvelo com que o Cônego Leão Fernandes, que era diretor espiritual e professor da língua materna, acompanhava o desenvolvimento dos seus discípulos, incitava-os aos primeiros treinos literários, corrigia os primeiros trabalhos, dava calor às tertúlias da arcádia, que era o grêmio literário do colégio. A arcádia publicava uma revista intitulada "Rio X", editada durante um decênio, que era lida dentro e fora do colégio. O grupo dos "literatos" do colégio não se limitava às leituras dos livros existentes na biblioteca, às edições de "As Vozes de Petrópolis" sob a direção do Frei Pedro Sinzig e outros livros, sob a fiscalização dos padres. As escondidas lia-se Haechel e Darwin, indagando das teorias sobre a evolução e a origem da vida; Raul Pompeia, no Ateneu; Machado de Assis, no D. Casmurro ou Quincas Borba; Júlio Ribeiro, na Carne; Alvares de Azevedo, na sua quase licenciosa literatura.

Essa era uma literatura perigosa, que circulava às escondidas, que era apreciada sob desfarce, nas bancas; que era lida, às altas horas, à luz mortua do dormitório. E quantos volumes de "A Carne" ou do "Ateneu" não foram retirados, sorratamente, pelas mãos fiscalizadoras do cônego vigilante, que era Constantino Vieira. Da "Carne", não só, porém a "Origem da Vida" ou Haechel, as "Palavras Cínicas" de Albino Forjáz de Sampaio, ou o livro

de um tal Zebalos, que fazia trepidar a harmonia, a sempre instável harmonia, então reinante entre brasileiros e argentinos. Irineu Jofily lecionava Geografia e era exigente na contagem de latitude e longitude. Matheus de Oliveira, ainda bem jovem, era o professor de desenho, enquanto Jovenal Coelho nos proporcionava excelentes lições de latim. E, periustrávamos Vergílio. E de Vergílio cantávamos os versos, na Eneida. Leão Fernandes foi um grande mestre da língua, conosco esmiuçando os seus problemas de gramática, familiarizando-nos com Cândido de Figueiredo e com Carneiro Ribeiro e com os melhores clássicos. Mas, não era só isso... Todos enriquecíamos as nossas estantes, de poucos livros, com um dicionário Valdez, um pequeno Webster, que era a constante citação do Dr. Pedro de Barros, com o volumoso Saraiva, para o latim, mas também com História da Literatura Brasileira de José Veríssimo, a arte de escrever de Albalat, os "Sertões" ou "Contrastes e Confrontos", de Euclides; uma outra arte de escrever de Xavier Marques... O entusiasmo pelas letras era muito grande.

O colégio era um ninho de literatos. Poetas, prosadores e "fogosos" ensaístas. A arcádia um palco de tertúlias, de discussões, de leitura de trabalhos, que eram submetidos à crítica de impiedosos censores, como Júlio Rique, Josué Pimentel, que foram causticos na apreciação de uma "substanciosa" conferência, ali pronunciada por Oscar de Castro, em 1915, sobre o descobrimento do Brasil.

José Lins do Rego gostava mais do ensaio. Uma de suas páginas, de 1916, exalta o rei Alberto I, da Bélgica, que era então, para o mundo e para nós, após a guerra de 14 um herói universal, cuja indomável bravura foi, então, exaltada. Tão cedo, como é vário o mundo, na outra guerra, entre o rufar dos tambores e o grito das cornetas, o seu sucessor foi chamado de rei pól-trão.

As páginas da histórica revista escolar estão repletas de produção, que atestam essa atividade criadora. Era uma verdadeira febre literária. Poetas, prosadores, ensaístas, críticos literários. Eram José Lira, Roberto Lira, Milton Cartaxo, Samuel Duarte, Francisco Sobral, Dursten Miranda, José Varela, Aderaldo Lira, Otacilio Jurema, Pedro Anísio Maia, Abdon Miranda e também José Lins do Rego. Mal se supunha, porém, que ao lado de tantos literatos improvisados e quantos, posteriormente fracassados, ali se aninhasse uma verdadeira águia, ali se confundisse, com tantos outros, esse porfeto, que veio a ser José Lins do Rego, indiscutivelmente o maior romancista brasileiro da atualidade, figura humana e literária inconfundível, paraibano que soube transportar e divulgar para o mundo dos seus romances a vida do nordeste, em suas minúcias, na sua eterna contradição, no seu sofrimento e no seu abandono.

Preferi esse depoimento. Sinto necessidade de traçar esse perfil do homem, do amigo, que continuou, pela vida agora, a ser sempre aquele mesmo homem, sem altos e baixos, aquele menino de colégio, descuidado de si, ingênuo e bom, o mesmo menino de engenho, a correr pelo canaviais, a pisar o massapé, de bodoque em punho, mas na grande experiência da vida humana, que lhe foi tantas vezes suave, amarga e gloriosa, para mergulhar, no fim, numa atmosfera de terror, pois foram assim os últimos dias desse homem, em face do determinismo biológico, em face à morte inexorável.

(Continúa)

PRIMADO DO ESPIRITUAL

(Conclusão da 8a. pág.)

tuais". Não são palavras de um monge na sua cela, nem de um intelectual em seu gabinete, mas de um aviador que do alto viu melhor as frestas da nossa indigência.

Feira de Livros na Paraíba

Ainda sob os auspícios da Secretaria da Educação e Cultura instalar-se-á dentro de breves dias, a 1a. Feira de Livros da Paraíba, que visa a proporcionar ao povo de nossa terra meios de adquirir seus livros prediletos e por preços acessíveis, a exemplo do que vem ocorrendo em várias cidades do país, como Rio e Recife, onde essas iniciativas alcançaram pleno êxito, não só devido ao grande número de livreiros concorrentes, como pelas reais facilidades concedidas para aquisição de volumes.

Necessária Ampla

Cooperação

Para que a nossa primeira Feira de Livros suceda o sucesso atingido pelas precedentes em outros pontos da Federação, necessário se torna que todos os proprietários de livrarias, desta capital e, se possível, do interior, onde há bons estabelecimentos do gênero, emprestem a a maior cooperação possível, não faltando com a sua presença a esse certamente.

Estamos certos de que o nosso apelo será atendido e que possamos, de futuro, repetir o acontecimento, com a garantia de sua aceitação pelo público, ciente, então, dos benefícios que tal empreendimento proporciona.

Organizada pela D.D.C.

A 1a. FEIRA DE LIVROS, a ter lugar nesta capital, está sendo organizada pela Divisão de Documentação e Cultura, em cumprimento ao amplo programa de atividades elaborado para o corrente ano.

NOTAS

*** Por iniciativa da Secretaria da Educação e Cultura será brevemente encaminhada à Assembleia Legislativa uma proposição no sentido de ser modificado o atual critério de concessão do prêmio "Augusto dos Anjos".

*** Instalar-se-á nesta Capital, em dias da próxima semana, a 1a. Feira de Livros do Estado da Paraíba.

Dêsse modo os paraibanos terão oportunidade de adquirir bons livros a preços acessíveis.

*** Com a recente aquisição de cinco modernos projetores, o Serviço de Cinema Educativo está capacitado a satisfazer plenamente a alta finalidade para a qual foi criado.

Está assim completamente reaparelhado esse importante órgão da Secretaria da Educação e Cultura.

Primeiro aniversário da Adm. P. Gondim

Para as comemorações do primeiro aniversário do governo Pedro Gondim, foi organizado o seguinte programa:

DIA 3 — Às 12 horas — Churrasco na Fazenda "S. Rafael", promovido pelos amigos do governador Pedro Gondim e auxiliares da administração estadual.

DIA 4 — 8 horas — Missa em ação de Graças na Catedral Metropolitana, oficiada por S. Excia. Revma. D. Manuel Pereira, Bispo Auxiliar da Arquidiocese da Paraíba.

9 horas — Recepção no Palácio da Redenção para os cumprimentos das autoridades civis, militares, eclesiásticas e representantes consulares.

19 horas — Retreta na Praça João Pessoa, promovida pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado.

20 horas — Exibições cinematográficas ao ar livre, nos bairros da Torre, Cruz das Armas, Jaguaribe e Mandacarú.

DIA 5 — 9 horas — Inauguração de melhoramentos nas oficinas da Imprensa Oficial.

10 horas — Aposição do retrato do presidente Juscelino Kubitschek, na Secretaria do Interior e Segurança Pública.

11 horas — Lançamento, na Secretaria de Educação, do "Boletim de Cultura".

16 horas — Inauguração do

reservatório de 1 milhão de litros construído pelo Departamento de Saneamento do Estado em Tambaú.

17 horas — Entrega ao tráfego da Avenida "Vasco da Gama", em Jaguaribe, completando os 50.000 m2 de pavimentação no atual Governo.

DIA 6 — 9 horas — Inauguração da Subestação transformadora construída em "Baraquinho" pelos Departamentos de Saneamento do Estado e dos Serviços Elétricos da Capital.

11 horas — Visita do governador Pedro Gondim às novas instalações administrativas do Departamento de Águas Rurais.

16 horas — Inauguração da cadeia Pública de Sapé.

DIA 7 — 9 horas — Inauguração do novo prédio da Coletoria Estadual de Serraria.

10 horas — Inauguração do reservatório "Tanque dos Totás", no Município de Serraria.

16 horas — Inauguração do reservatório "Tanque do Reinaldo" em Esperança.

16,30 horas — Inauguração do Posto Pluviométrico de "Lagoa de Pedra", Município de Esperança.

COLABORARAM NESTE NÚMERO:

José Pedro Nicodemus

Oscar de Castro

José Rafael de Menezes

Leon Clerot

Daura Santiago Rangel

Wills Leal

Genildon Gomes

Arlindo Delgado

Nuna época de duras angústias, por primárias necessidades, de amarguras físicas, por deficits econômicos gritantes, há de parecer angélica a atitude de quem invoque o PRIMADO DO ESPIRITUAL.

As expressões cientificamente sociológicas ou tecnicamente ajustadas, falam em maior produtividade, eficiência do planejamento, execução de metas, controle de preços, descoberta de mercados, crescente industrialização etc. São os slogans salvadores que se enfeixam em plataformas de candidatos ou em discursos de posse. Mas nunca se realizam...

Quem responde pelo fracasso dos planos esquematizados quase sempre por equipes competentes, oportunamente aceitos, mais das vezes por uma honesta disposição de servir, em alguns momentos iniciados

Uma intimação de Linduarte Noronha, que hoje presta tão bela homenagem ao autor de "Menino de Engenho", na reconstituição do ambiente, onde nasceu e viveu o grande romancista. Justifica a minha estadia nesta solenidade. Não para apresentar-vos um estudo do hominizado, menos para uma interpretação de sua opulenta obra de ficção, se bem que seja sincera a tentativa de um esboço, de um perfil psicológico, de aspectos da vida do homem, numa reconstituição de fatos, numa história que, escondida, na sua simplicidade, algo que pode merecer a atenção dos que esmerilham nonadas, que são grandes coisas, à luz da psicologia... Queremos, de início, louvar e exaltar o esforço de Linduarte Noronha, destacar a ingenuidade de seu documentário ecológico, essa visão, que ele nos proporciona, com a sua arte, do complexo mundo da cana de açúcar.

É uma fotografia do mundo objetivo e humano do grande romancista paraibano.

com uma coragem fronteiriça à ousadia? A ausência ou a debilidade de um sôpro espiritual que pede e exige para qualquer trabalho a noção da glória de

PRIMADO DO ESPIRITUAL

Deus, o amor à Pátria, o bem estar da comunidade, a felicidade do próximo — em termos imperativos; que não se coaduna com turismo ou vaidade, com obras de fachada ou lisonjas de amigos, que não pede uma compensação imediata, nem fecha os olhos para a ganância dos aproveitadores. Um sôpro espiritual que crie na equipe executora e na coletividade a quem se destinam os atos materiais, uma criatividade heróica e uma expectativa vigilante, numa larga

distribuição de responsabilidades, sem as quais inexiste a democracia.

Não será isto o que está faltando ao Brasil? Um clima de espiritualidade que

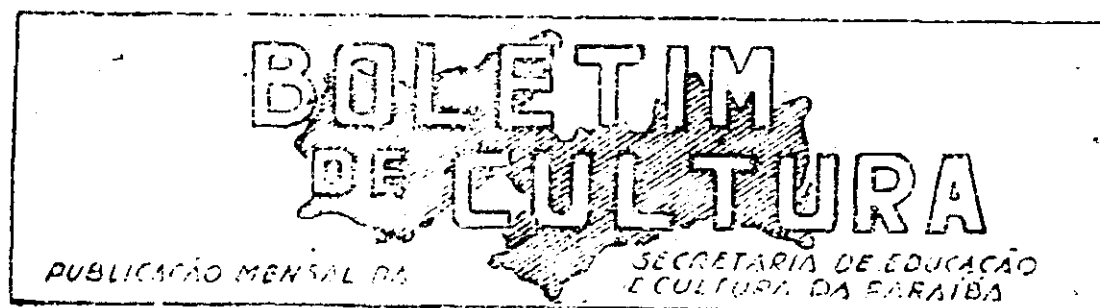
José Rafael de MENESES

não se limita aos arrogantes apaixonados de um oposicionismo destruidor; nem se confunde com o demagogismo de um "nacionalismo" de frases e preconceitos. Um clima de espiritualidade que é mais do que educação política, que vai além do civismo, que

transpõe, para se integrar no humano, extra-limitações humanas.

Um clima que está faltando ao mundo, mas especialmente a nós que chegamos para a civilização com um atraso que já não encontra disponibilidades internacionais.

Por isto, em nome da mais firme sensatez, da mais concreta objetividade poderemos falar no PRIMADO DO ESPIRITUAL. Há somente um problema, um único em relação ao mundo — escreveu Saint Exupéry — restituir aos homens um significado espiritual, inquietações espirituais. (Conclusão da 8a. pág.)



JOÃO PESSOA — Segunda-feira, 5 de Janeiro de 1959

Realidade e Ficção

Oscar de CASTRO
Presidente da Academia
Paraibana de Letras

A paisagem típica da várzea, Corredor, Itapuá, o colégio de Itabaiana, os banhos de rio, os cosimentos dos engenhos, os alpendres das casas grandes, Ludovina, Cristóvão, Maria Menina...

São imagens, que feriram a retina daquele menino de engenho e paisagens e personagens, que dão vida à sua portentosa obra de ficção...

Foi nesse ambiente, que ele despertou para a vida, onde decorreram os seus dias de menino, correndo pelos campos, fazendo traquinagens, trepando nas árvores, tomando banho nos rios, apanhando, com arapucas, ou com o visgo de jaca, os sanhassús azulados, brincando, à sombra das moitas de "cabrinhas"; sentindo o cheiro do mata-pasto pisado, comendo as tranças doiradas de puxa-puxa, vendo as cheias

do Paraíba, bebendo seu copo de leite, ao pé da vaca...

Foi ali, que ele despertou para a vida, onde se iniciou a sua grande experiência. Ali, sentiu os seus primeiros amores, recebeu o grande impacto da natureza. Ali, se geraram os complexos infantis, que se gravaram, definitivamente, na sua personalidade. O romancista fez daquele o seu mundo, nele foi apanhar a natureza, que serve de fundo às suas criaturas de romance que, apenas, fotografam a vida humana, como cinegrafista de paisagem mortas e vivas, como hábil taquígrafo, a quem nada escapou ou fugiu.

Apenas, até aqui, o que todos podem supor e dizer, porém, de 1911 por diante, fui testemunha dessa vida, acompanhei-a de perto, e, às vezes, de longe; sendo, ela, mesmo

ausente sempre sentida, através de uma correspondência fiel, de Alagoas, ou do Rio, de Paris, de Athenas, ou de Stoccolmo.

Fomos sempre amigos, desde os tempos do convívio escolar no Colégio Pio X. José Lins nasceu no engenho Corredor, em junho de 1901. Estudara em Itabaiana, como menino interno no Colégio do Professor Maciel. Agora, era o menino interno do Colégio Pio X. E foi aí, que se iniciou o seu contacto com os livros e lhe surgiu a curiosidade pelos assuntos literários. Ainda apanhámos o antigo Pio X, sob a direção do grande educador, que foi Cônego Jofily, depois bispo no Amazonas. E, parece, estou revivendo aqueles dias. O dormitório imenso, com filas e filas de camas, todas arrumadinhas e bem postas, a capela ampla, num dos lados do velho Seminário, com o seu modesto altar, onde se encontravam as imagens de Nossa Senhora Auxiliadora e de S. Luiz Gonzaga.

(Continua na 4a. pág.)